

## **O Integralismo na cidade da selva: O fascismo e as ideias nativistas no estado do Amazonas**

### **Integralism in the Jungle City: Fascism and Nativist Ideas in the State of Amazonas**

DOI:10.34117/bjdv7n6-704

Recebimento dos originais: 07/05/2021

Aceitação para publicação: 01/06/2021

#### **Francisco Celso Lourido Barreto Junior**

Mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura) pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA.

E-mail: celsolourido@gmail.com

#### **Pedro Henrique Coelho Rapozo**

Doutor em Sociologia - Desenvolvimento e Políticas Sociais pela Universidade do Minho/UM. Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH/UEA. Professor do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais PROFCIAMB.

E-mail: phrapozo@uea.edu.br

#### **RESUMO**

O presente artigo investiga a histórica presença do movimento fascista integralista no estado do Amazonas. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa qualitativa e bibliográfica dos arquivos públicos sobre documentos historiográficos da Ação Integralista Brasileira (AIB) entre o período de 1932 a 1937. A chegada das primeiras caravanas, as propagandas ideológicas utilizadas nos jornais *A Offensiva* e no *Jornal Ação* revelavam características do movimento na capital amazonense através de estratégias ideológicas utilizadas pela AIB na Amazônia para atrair militantes e organizar o movimento fascista na região. Um dos elementos significativos deste movimento político está na utilização das representações exóticas sobre a cultura dos povos indígenas, o que permitiu a fundamentação de um discurso racial com bases nas noções nativistas de nacionalidade.

**Palavras-chave:** Amazonas, Integralismo, Povos Indígenas, Fascismo

#### **ABSTRACT**

This article investigates the historical presence of the fascist movement integralist in the state of Amazonas, Brazil. The methodological procedures used were qualitative and bibliographic research from public archives on historiographic documents of the Brazilian Integralist Action (AIB) between the period 1932 to 1937. The arrival of the first caravans, the ideological advertisements used on the newspapers *A Offensiva* and in the *Jornal Ação* revealed characteristics of the movement in the Amazonian capital through ideological strategies used by the AIB in the Amazon to attract militants and organize the fascist movement in the region. One of the significant elements of this political movement is the use of exotic representations about the indigenous culture, which allowed the racial discourse about the nativist notions of nationality.

**Keywords:** Amazonas, Integralism, Indigenous Peoples, Fascism

## 1 INTRODUÇÃO

O movimento político que agiu no Brasil de 1932 a 1937, extinto neste último ano juntamente com outros partidos políticos, em função do golpe com o qual Getúlio Vargas deu início a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945), procurou usar todos os recursos do imaginário histórico brasileiro somado ao clima nacional e internacional da década de 1930 para criar seu projeto de poder. A procura pelas características nacionais, a necessidade de se redescobrir a cultura nativa era algo que já vinha ocorrendo dentro das distintas correntes do Movimento Modernista. Nos anos 20 o próprio líder da AIB estava em sintonia com essas ideias que frutificaram em seus artigos e manifestos. Plínio Salgado e outros membros da AIB pertenceram ou foram influenciados por diferentes correntes do modernismo. Ao mesmo tempo, houve uma espécie de resgate do romantismo, pois, na reinvenção da nação e na nova independência que o integralismo promoveria, o indígena seria o símbolo brasileiro por excelência.

Consolidada sua posição em São Paulo, em agosto de 1933 começou uma fase de pleno crescimento da AIB em outras regiões do país, tendo em vista que foi nesse período que a direção nacional resolveu intensificar seu trabalho de propaganda e organização. Nesse sentido, inicialmente, as “bandeiras integralistas” seguiram nas direções norte e sul do território nacional e passaram em centenas de cidades realizando conferências – quase sempre em recintos fechados – e fundando núcleos.

Depois de meses de penosas viagens pela região Nordeste a comitiva da AIB chegou, a bordo de barcos, nos estados do Pará, Acre e Amazonas. Como aconteceram nos locais anteriormente visitados, os membros da “bandeira-verde” foram calorosamente recepcionados. Em janeiro de 1934 Gustavo Barroso e sua comitiva estiveram nas cidades de Belém e Manaus, considerada sua localização em meio a floresta e na confluência de dois rios, o Rio Negro e o rio Solimões, surgida em 1669 com o Forte de São José do Rio Negro, para a realização de conferências com os simpatizantes e filiados das respectivas cidades e organização de núcleos.<sup>1</sup>

No período em questão ocorrem mudanças na vida urbana da cidade, os serviços ligados as atividades urbanas passar a sofrer com tarifas mais altas, os mesmos estavam

---

<sup>1</sup> FAGUNDES, Paulo Ernesto. “*Revista Vida Capichaba (1934-1937): as imagens fotográficas a serviço dos integralistas do estado do Espírito Santo*”. Em *Tempo de Histórias* - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPG-HIS, n. 15, Brasília, jul./dez. 2009.

sendo administrados por companhias inglesas, como o abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica e transportes público, o que gerou insatisfação popular que se manifestaram através de protestos e denúncias na imprensa local. Os jornais da época relatavam uma cidade em decadência e sempre enobrecendo um passado de riqueza e glória. Eram apontados vários elementos que indicavam que a época de riqueza da borracha havia se encerrado.<sup>2</sup> Para os amazonenses a década de 20 se inicia com a fama das seringueiras da Malásia, entrave que perdura em nossa garganta pois as seringueiras ali cultivadas artificialmente foram levadas de forma clandestina pelo inglês Henry Wickman ainda no século XIX, surgindo nesse momento a crise do célebre ciclo da borracha. Dias Mascarenhas relata de forma detalhada alguns aspectos do que foi a capital amazonense no ciclo da borracha:

A borracha propiciou a Manaus o alargamento de seu espaço e a redefinição de sua organização. Pela cidade transitavam milhares de toneladas do produto para exportação, vindas dos mais distantes seringais da região amazônica, e circulavam variados tipos de mercadorias e pessoas. A capital do látex adquire nova fisionomia, corrigem-se acidentes de terrenos, organiza-se o diagrama de nivelamento da cidade, a fim de estabelecer normas aos novos projetos de construção: aterram-se igarapés, estes muitas vezes usados como via de comunicação, fonte de abastecimento d'água e local de lazer.<sup>3</sup>

A crise no setor da borracha nos anos 20 impacta os anos seguintes, o setor comercial da borracha na Amazônia foi praticamente obrigado a se retirar do mercado, a concorrência com o mercado asiático se tornou algo impossível, de tão barato que era o produto fornecido pela Ásia. A vida na Paris dos trópicos foi transformada no setor social, também, os hábitos e costumes da sociedade como um todo foram se alterando, reflexo da crise econômica que se instalava, o poder de compra das classes mais abastadas reduziu e simultaneamente os trabalhadores sentem o impacto no cotidiano, o que vai ocasionar uma guinada para outras áreas de produção. Os comerciantes automaticamente pedem auxílio ao Governo Federal, esse agiu muito tarde com a criação da Lei de Defesa da Borracha no ano de 1922, favorecendo o declínio do produto, como resultado as oligarquias que dominavam o Amazonas foram perdendo força e gerando nos anos seguintes rachas políticos e divergências partidárias.<sup>4</sup> O fluxo de navios vindo da Europa se reduziu, muitas firmas exportadoras, de capital europeu começaram a pedir concordata. Até mesmo o contato do povo amazonense com a Europa foi reduzido, assim como o

<sup>2</sup> SANTOS, Eloína Monteiro dos. A Rebelião de 1924 em Manaus. Manaus: Editora Valer, 2001, p. 35

<sup>3</sup> DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 2007, p. 34

<sup>4</sup> SANTOS, Eloína Monteiro dos. A Rebelião de 1924 em Manaus. Manaus: Editora Valer, 2001, p. 36

consumo de mercadorias convencionalmente adquiridas pelas famílias com poder econômico na cidade. Essa crise também é esclarecida nas palavras do geógrafo amazonense José Aldemir (2003):

A Manaus de 1920 é resultado do apogeu e do declínio da borracha. A produção do espaço da cidade desenvolveu-se menos sob influência de suas condições geográficas do que pelo impulso que adquiriu com o crescimento econômico determinado pela produção e exportação da borracha. Manaus esteve, no período áureo da borracha, mais ligada ao mercado externo do que ao mercado nacional, portanto a espacialidade produzida em Manaus no período da borracha mais do que uma determinação nacional foi uma determinação do exterior. Isso não significa subtrair e desconhecer que havia a minoria interna que se beneficiou de o processo de exploração do látex.<sup>5</sup>

Avançando mais uma década, a de acentuada importância para nós, a década de 30 apresenta mudanças consideráveis, há o aumento da população nas cidades e um aceleramento vertiginoso do processo de industrialização, tudo isso marcado pela Revolução de 1930. Tais mudanças alteram a estrutura e até mesmo a função do Estado, refletindo no advento de novos valores sociais e culturais, consolidando assim o estilo de vida urbana. No Amazonas existe todo esse reflexo do cenário nacional dos anos 30, na década em tela o ciclo da borracha chega ao seu ápice no que diz respeito a crise, as autoridades locais tentam de tudo para sair desse caos econômico, há uma diversificação nos produtos voltados para agricultura. Aldemir Oliveira (2003) faz um arrazoado sobre essa mudança que ocorre na economia, como pode se verificar:

Buscando alternativas que levassem à diversificação da produção, especialmente voltadas para a agricultura, em meados da década de vinte, o governo do Amazonas fez a concessão de um milhão de hectares de terras para a colonização japonesa no município de Parintins, na Vila Amazônica. Nesta área, no início de década de trinta, os japoneses criaram a Companhia Industrial Amazonense S/A e trouxeram para o estado migrantes já experientes em técnicas agrícolas adaptadas às regiões tropicais, e por conta dessa ação, conseguiram, por volta de 1934, a aclimatação da juta indiana na várzea do Amazonas.<sup>6</sup>

Até o início da década de 30 o estado do Amazonas foi governado por regimes constitucionais, até então, vigentes no Brasil, no Amazonas ocorreram três interrupções, a de fevereiro de 1892, quando o governador Thaumaturgo de Azevedo foi deposto, depois em 1910, quando o governador Antônio Clemente Bittencourt foi destituído e em 1924, quando aconteceu a deposição do governador Turiano Meira. Essa instabilidade alojada no cenário político amazonense deu margem para que grupos de fora

<sup>5</sup> OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967 – A cidade Doce e dura em excesso*, 2003, p.36

<sup>6</sup> OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967 – A cidade Doce e dura em excesso*, 2003, p.52

adentrassem o cenário político local.<sup>7</sup> Na década de 1930 a crise política se acentua, como podemos observar nas palavras de Arthur Cezar Ferreira Reis:

O período que se compreende entre 1930 e os dias atuais é marcado por uma série de acontecimentos de ordem política que se iniciaram com a deposição do governador Dorval Porto, consequência do pronunciamento nacional de outubro, e a aclamação de uma Junta Governativa, composta de três membros – Coronel Cordeiro Júnior, Drs. José Alves de Souza Brasil e Francisco Pereira da Silva.<sup>8</sup>

Esse cenário político de mudanças bruscas na capital amazonense tornou o caminho viável para AIB, pois o movimento já vinha consolidando a difusão dos seus ideários, bem como seus aspectos ideológicos, a AIB vinha atuando no Poder Executivo e no Poder Legislativo de diversas cidades. Já existiam deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores.<sup>9</sup> O movimento estava articulado e se valia de jornais, rádio, fotografias, cinema e rituais para difundir sua ideologia. Todo esse aparato chegou nas mais longínquas cidades do país continental que habitamos.

## 2 MANAUS SOB O OLHAR DO SIGMA

O discurso integralista foi representado e sustentado por todo o território nacional. Com o uso de vários periódicos de circulação nacional e regionais, entre eles destacamos os jornais *A Offensiva*, *A Razão e Ação*. Sobre os símbolos do movimento destacamos o uso do sigma, letra grega que significa soma, integração e a saudação com o braço direito estendido composto do grito ‘*Anauê*’, uma saudação, brado, grito de guerra na língua tupi.

Os integralistas percebem o indígena como o representante da alma nacional, há um discurso elaborado por Plínio Salgado em que o indígena, segundo a ideologia do *Sigma* aceitado se submeter à fusão harmoniosa com os brancos, dessa fusão há uma contribuição para a geração de uma nova raça no futuro, uma raça mais forte e detentora do sentimento nacional. O integralismo elabora uma imagem do indígena que apoia o processo de branqueamento.

O valor do indígena é comumente associado, à sua capacidade de se deixar aculturar pelo branco, de se deixar misturar ao sangue do branco europeu, as qualidades que formam o caráter da “alma” nacional, baseadas na harmonia e na solidariedade, que

<sup>7</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Súmula de História do Amazonas*. Manaus: editora Valer/Governo do Estado Amazonas, 2001, 67

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. *Súmula de História do Amazonas*. Manaus: editora Valer/Governo do Estado Amazonas, 2001, 89

<sup>9</sup> CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974, p. 209-210

levam à constante fusão racial e cultural. Assim, o integralismo elabora o mito do Tupi, que vai fundamentar toda a sua defesa da mescla étnica e cultural. O mito Tupi se sustenta na imagem do tupi como possuidor de um caráter étnico redutor e integrador, onde se torna indispensável na formação da raça harmoniosa do futuro. Confirmamos através das palavras do líder integralista Plínio Salgado (1926):

...parece mesmo predominar sobre todas as outras. De sorte que todas as raças estrangeiras que para aqui vierem terão no tupi uma espécie de denominador comum. É ela que possibilita, pelo cruzamento, a adaptação do branco, é ela que, além de imunizar o branco pelo cruzamento, prepara-lhe a terra, devastando as matas, abrindo caminhos para o surto da lavoura. Por isso que no extremo sertão de São Paulo não encontrei um só estrangeiro, mas apenas o caboclo brasileiro, de todas as procedências.<sup>10</sup>

A região amazônica de uma forma geral é percebida pelos integralistas como esse ponto de fusão do índio com o movimento nacional, o indígena sendo a essência da alma nacional, o que faz surgir toda uma preocupação com o solo caboclo. O indivíduo tupi dentro do contexto integralista é notado de forma natural de uma capacidade de se fundir com o branco, provido de uma alma cordial e benevolente, deixando a benevolência e a cordialidade na alma e na subjetividade das demais raças que se misturaram ao sangue tupi. O que se depreende da história, é que surge como um fator explicativo da tradição brasileira de misturas entre raças, dentro dessa perspectiva do evento histórico do encontro entre o branco e o indígena teria propiciado a consolidação de uma “alma” e de uma subjetividade nacionais tendentes à harmonização e à solidariedade entre os diversos grupos sociais, sendo a miscigenação racial entendida como parte desse processo.

O líder da Ação Integralista Brasileira se aproxima do universo indígena através do discurso iniciado na Semana da Arte Moderna. O movimento modernista, conforme discutido, trouxe a valoração da estética, período esse de calorosas discussões intelectuais, o que fez com que as ideias ali defendidas se difundissem nos mais variados grupos políticos, tanto da esquerda como da direita, no entanto era apregoado um elemento comum aos grupos, o nacionalismo, que percebemos no Verde-amarelismo e na Antropofagia e mais tarde o Pau-Brasil. Nesse meio destacamos a figura de Plínio Salgado que atesta o índio como um símbolo nacional, que deve ser defendido por todo integralista e se torna a essência da nação. O Amazonas se torna alvo dos membros da AIB por conta dessa proximidade da região com o espectro indígena. A saber podemos averiguar nos jornais e revistas:

---

<sup>10</sup> SALGADO, Plínio. *A anta e o curupira*. São Paulo: Editorial Helius, 1926, p. 18

Figura 04 e 05: Capas das Revistas Anauê nº 14 e 09 que circularam em 1936



Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Conforme destacado nas imagens acima, os integralistas buscavam estratégias com intuito de alcançar o público brasileiro, com intuito de atrair os variados setores para o discurso, nasceu a revista *Anauê!* que circulou de janeiro de 1935 até a extinção da Ação Integralista Brasileira, no fim do ano de 1937. Nas revistas em destaque percebemos à esquerda o integralismo em uma forma angelical trazendo “luz” e afastando as trevas, no lado direito, uma mão simbolizando o comunismo numa tentativa de apunhalar pelas costas o indígena brasileiro, contudo sendo anteparado por uma mão verde que representa o integralismo.

Aqui percebemos a defesa do integralismo como força redentora e a defesa do Brasil diante do comunismo. Existe de fato a doutrinação neste periódico, que se inicia pela sua capa, ao trazer elementos doutrinários, e o seu conteúdo mantém esta lógica. A revista era destinada a toda família e estruturada como uma revista de cultura, apresentando as mais variadas informações: cinema, teatro, sociedade. Possuía ainda seções voltadas para as mulheres e crianças, bem como notas sobre higiene e saúde. Trazia informações sobre os núcleos espalhados pelo país. Enfim, foi um periódico destinado a universalizar a ideologia do movimento integralista. Todos os membros da família podiam ter acesso e ler, como se observa na chamada do primeiro exemplar:

Com o objetivo de divulgar, em linguagem acessível a todos a doutrina integralista; querendo refletir, na reportagem fotográfica de todas as Províncias, a marcha gloriosa das legiões do Sigma; pretendendo ser o espelho da alma integralista, o periódico dos camisas-verdes de todas as profissões, de

todas as classes e de todas as idades, surge a revista “Anauê!” amparada pela simpatia unânime de todos os companheiros, e jurando também fidelidade absoluta ao Chefe Nacional, na adversidade ou na vitória, diante da vida ou diante da morte!

Aí está a “netinha” do Chefe: pequenina, humilde, mas com vontade de crescer e de levar avante o importantíssimo programa que lhe foi traçado. Cumpre agora aos “padrinhos”, que são todos os camisas verdes da Pátria, amparar a “afilhadinha”, vesti-la com as melhores fotografias, alimentá-la com a vitamina duma colaboração substancial, mas não indigesta e tudo fazer para que seja conhecida em todos os lares brasileiros.<sup>11</sup>

É sabido por todos que a maior parte da população manauara é de origem indígena, a influência dos índios é percebida nos traços da cidade, o caboclo demonstra suas origens no cotidiano, desde os hábitos alimentares, muito peculiar da região, a fala com sotaque diferenciado e o apego as tradições e costumes indígenas, mesmo após toda uma interação com o exterior nos tempos áureos da borracha. No entanto há no Amazonas de uma forma geral um alcance grande da religiosidade, mais especificamente do catolicismo, que influencia a vida cotidiana dos amazonenses. Edineia Mascarenhas (2007) ressalta em sua obra tais aspectos:

A maneira de organizar uma classe trabalhadora já há muito tinha sido pensada e posta em prática; para isso, contava-se com o auxílio dos missionários no trabalho da catequese e civilização dos indígenas, constituindo isto um ramo de grande importância do Serviço Público do Amazonas. O Governo Provincial reclama, com muita insistência, a falta de missionários na região, afirmando que, mesmo sem eles, fica muito difícil chamar os índios à civilização e ao trabalho. Durante muito tempo grande parte da população de Manaus foi formada por índios que representavam o maior contingente de trabalhadores, dedicando-se à navegação, agricultura, coleta de drogas e serviços domésticos. Para a realização das obras públicas, como construção de prédios para repartições, igrejas, pontes, cemitérios, calçamentos, etc.<sup>12</sup>

A análise primorosa da historiadora sobre a Paris dos Trópicos, como já sabemos, vem desde o fim do século XIX adentrando o século XX, chegando próximo da década de 30 que é objeto de análise aqui, todavia, devemos levar em consideração que o cenário dos anos vinte na capital amazonense não muda substancialmente, principalmente no que diz respeito a composição da sociedade e as formas desta com o meio e com o cenário nacional. O que percebemos entre os habitantes da cidade de Manaus são os mesmos anseios que estava presente na população dos grandes centros do país. Todos se questionavam sobre os valores impostos pelas oligarquias dominantes e os formatos de governo, não dando voz as insatisfações da população, algo que é muito bem retratado na

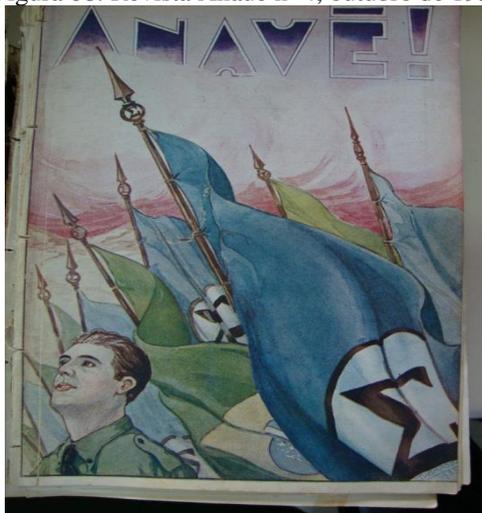
<sup>11</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, janeiro de 1935, nº 1, p. 5.

<sup>12</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 2007, p. 31

obra da historiadora Eloína Monteiro (2001), em um trabalho extremamente esclarecedor sobre a Revolução de 1924 na cidade de Manaus.

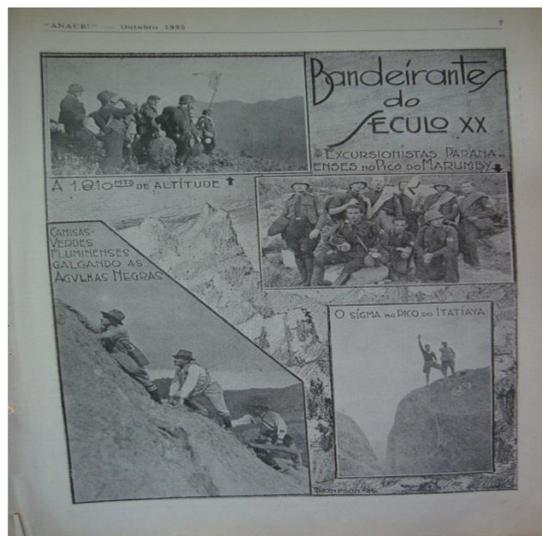
Para chegar até o Norte do país, os camisas-verdes se valeram do uso da estratégia das “bandeiras”, também denominadas de “caravanas integralistas”, termo compreendido como unidade de disseminação dos ideais do movimento, era o formato utilizado para atrair novos integrantes. O termo “bandeiras” foi uma clara assimilação daquelas expedições comandadas pelos bandeirantes no período da colonização das terras brasileiras por Portugal. A partir do ano de 1933 começou uma fase de pleno crescimento da AIB por todo o território nacional, intensificando, nesse período, o trabalho de propaganda, doutrinação, organização e incentivo da ideologia do *Sigma*. A edição da Revista *Anauê* nº 4 ilustra a empreitada das “bandeiras” integralistas que viajam para fora dos núcleos centrais e com o objetivo de conseguir novos adeptos e propagar a doutrina da pátria integral. Através das capas mostradas abaixo da Revista *Anauê!*, notamos que foi destacada a atuação das ‘bandeiras integralistas’. As imagens desta edição mostram “bandeirantes” ostentando o sigma nos braços, transpondo obstáculos, escalando montanhas, demonstrando o esforço do movimento em resgatar a nação e seu povo do esquecimento ao qual eram expostos pelos liberais e comunistas. A intenção da edição é mostrar para o Brasil que a salvação da pátria estava na sua interiorização e na sua integração, empreitada essa que as bandeiras verdes vinham cumprindo, conforme tentam provar as imagens veiculadas.

Figura 08: Revista *Anauê* nº 4, outubro de 1935



Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Figura 09: Revista Anauê nº 4, outubro de 1935, p.7



Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Os principais dirigentes da organização, Miguel Reale e Gustavo Barroso partiram em caravanas para várias cidades e regiões do Brasil, Reale parte para a região Sul e Gustavo Barroso segue para o Nordeste e Norte do país. Percebemos que a partir dessas incursões que se deu a expansão da organização para além dos limites do Estado de São Paulo. Essa divulgação das ideias do movimento através das “bandeiras integralistas” tinha um plano maior que acontecia ao mesmo tempo, era o de fundar núcleos, como podemos constatar nas palavras do historiador Edgard Carone (1974):

Nos meses seguintes outras cidades fundam seus núcleos, mas é a formação de *Bandeiras Integralistas* que dá novo dinamismo ao movimento: em agosto de 1933, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e outros, embarcam para o Norte do país, tendo feito conferências em Campos, Vitória, Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Paraíba, Fortaleza, São Luís, Belém e Manaus, sendo fundados núcleos em algumas cidades. Por sua vez, Miguel Reale dirige uma Bandeira Integralista para o Sul, indo ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, resultando em novas agremiações principalmente composta de italianos e alemães.<sup>13</sup>

Indubitavelmente, aqui fica esclarecido o tipo de estratégia para os camisas-verdes avançarem na propagação do ideário do movimento. Depois de meses de viagens pela região Nordeste, onde instalam núcleos no Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Maranhão, a comitiva da Ação Integralista Brasileira chegou, a bordo de barcos, aos estados do Pará, Amazonas e no Acre. Como já tinha ocorrido em outras cidades anteriormente visitadas, os membros das “bandeiras integralistas” foram calorosamente

<sup>13</sup> CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974, p. 207

recepcionados. No mês de janeiro de 1934, Gustavo Barroso e seu séquito estiveram nas cidades de Belém e Manaus para a realização de conferências com os simpatizantes e filiados das respectivas cidades e organização de núcleos.

No mesmo ano em que Gustavo Barroso e seu séquito chegam a Manaus, os japoneses criam a Companhia Industrial Amazonense S/A e trouxeram para o Estado, migrantes já experientes nas técnicas agrícolas adaptadas às regiões tropicais. O Amazonas no Estado Novo, após a crise da borracha, retorna a ser uma região-problema, cabendo ao Governo de Getúlio Vargas intervir para acabar com a crise e retirar a região amazônica do atraso, porém, mesmo tendo existido mudanças econômicas no contexto nacional, no que diz respeito ao âmbito regional, pouco ou nada foi modificado, e a crise no Amazonas permaneceu. Como nos diz Ademir Oliveira (2003):

“Isso ocorreu, porque as mudanças preconizadas pelas novas frações de classe no poder objetivavam transformações que implicavam a expansão das atividades industriais.”<sup>14</sup>

É válido lembrar que o Amazonas durante a década de 30 vivenciava uma intensa instabilidade política, existindo mudanças constantes de governadores, ou seja, interventores federais, que pouco eram envolvidos com os problemas locais, assim sendo, os integralistas encontraram um terreno tanto quanto fértil na região, mas devido à falta de articulação política, as dificuldades foram maiores, não só pela distância geográfica com os grandes centros, mas também pela relação do estado com universo internacional. Entretanto o maior plano, para com o Amazonas, era a integração dos povos indígenas com o restante da nação, tendo maior destaque o chefe provincial Paulo Eleuthério, professor catedrático de História Universal e do Brasil, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Amazonas. O professor Paulo Eleuthério, como fundador do núcleo integralista em Manaus, sempre foi conhecido pela AIB como um indivíduo de espírito dinâmico, destaque na imprensa e no ensino. Paulo Eleuthério chefiou o núcleo da AIB no Amazonas entre o ano de 1934 a maio de 1935, durante esse recorte temporal os integrantes do movimento se organizaram e começaram a fazer propaganda e a divulgação da doutrina dos camisas-verdes dentro da sociedade amazonense.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967 – A cidade Doce e dura em excesso*, 2003, p.53

<sup>15</sup> BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 393

Dentro da sistemática de propagação dos ideais do movimento, as caravanas integralistas quando chegaram no Norte fundaram seus núcleos, em Manaus não podia acontecer de forma diferente. O discurso oficial do movimento integralista era transmitido através dos periódicos, pois chegavam a todas as regiões do país onde existissem núcleos, com um custo de produção relativamente baixo. Além do mais, uma única publicação garantia a uniformidade que os integralistas queriam que fosse imposta aos militantes: um núcleo de Santa Catarina receberia o mesmo jornal que um do Amazonas, por exemplo. Isto fazia com que a organização interna fosse a mesma nas diversas regiões do país. No Amazonas os principais chefes provinciais da AIB foram o professor Paulo Eleuthério, Anastácio Cavalcante, Atila Sayol Sá Peixoto, Jaime Pereira e Frederico Menezes. No Amazonas tivemos três jornais em circulação e oito núcleos fundados pelas bandeiras integralistas como podemos verificar abaixo:

Tabela 2 – Número de jornais integralistas por Estado<sup>16</sup>

Estado	Número de jornais	Número de núcleos
Amazonas	3	8
Ceará	3	98
Maranhão	3	14
Pará	3	8
Alagoas	2	28

Fonte: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957, Vol. X, Tomo I, p. 141-145.

Podemos perceber que enquanto o movimento se desenvolvia nos quesitos de crescimento do número de adeptos e estrutura organizativa, cada vez mais se editavam novos jornais. Ao mesmo tempo, são estes os periódicos responsáveis por levar a palavra aos futuros militantes, tendo em vista que o jornal é o meio de comunicação de massa mais utilizado no período estudado.

O professor Paulo Eleuthério ajudou a fundar o primeiro núcleo da Ação Integralista Brasileira no Amazonas, contribuindo na difusão dos ideais da AIB. Em uma reportagem na Revista *Anauê!*, vê-se que além de mostrar o crescimento da AIB nas cidades houve um esforço em divulgar o integralismo entre alguns povos indígenas no Amazonas. Como se fossem novos catequizadores, esses integralistas viam a necessidade de absorver os indígenas à vida nacional e lhes ensinar princípios cívicos.

<sup>16</sup> *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957, Vol. X, Tomo I, p. 141-145.

Figura 10: Índias amazonenses posam para revista *anauê*.



Figura 12 — Um anauê originalíssimo: Índias amazonenses posam com a bandeira brasileira ao fundo. *Anauê!*, maio 1935, ano I, n.2, p.15.

Fonte: Figura retirada: SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*, 2003.

A foto acima elucida a reportagem que evidencia três mulheres indígenas fazendo a saudação romana, traduzida pelos integralistas com o brado *Anauê!* e ao fundo a bandeira nacional. Ao lado da imagem o articulista descreve isso como um feito da pureza do integralismo, destaque:

PLÍNIO SALGADO, que passou noites a fio a estudar a língua tupi, que penetrou nas profundezas da alma brasileira, que soube fazer-se o intérprete da Raça, recebe agora, comovido e vencedor, os "anauês" mais puros, mais sublimes, mais brasileiros: os "anauês" de 5.000 índios integralistas que o heroísmo de José Guimar foi evangelizar nas florestas do Amazonas.<sup>17</sup>

Infelizmente não conseguimos identificar a pessoa de José Guimar, no entanto percebemos que a presença das palavras *evangelizar* e *puro* são de extrema conotação religiosa, daí verificamos que todo o ritual religioso defendido pelos integralistas está presente em tal ato realizado por seus seguidores. Fica perceptível, também, similaridades com as evangelizações acontecidas no passado do Brasil colonial. Contudo, a parte que a reportagem os chama de heróis, do então mencionado José Guimar, nos mostra que há um objetivo de demonstrar que existe um vínculo paternal aos indígenas, nada mais, nada menos a noção de que eram indígenas e que sua originalidade os fazia o alicerce fundador da nação chamada Brasil.

Durante a pesquisa no site da Biblioteca Nacional foi encontrado a edição do jornal *A Razão*, de 23 de fevereiro de 1937, página 07 que aborda o avanço do Sigma no estado do Amazonas, a entrevista com o líder dos camisas-verdes no Norte do país,

<sup>17</sup> *Anauê!*, maio 1935, ano I, n.2, p.15

através de Craveiro Frota, nos traz importantes esclarecimentos sobre a trajetória do integralismo no Amazonas, segundo a reportagem:

"O movimento na Província da Amazônia começou por nos dizer o Snr. Craveiro Frota, atravessou quatro fases bem distintas, que se caracterizaram por um desenvolvimento sem precedente. Nos primeiros mezes de pregação da idea do Sigma, os seus primeiros pioneiros foram os Drs. Adriano Jorge, Leopoldo Peris, Cel. Castelo Branco, Genezio Braga e Moacir Dantas, os dois últimos, hoje, deputados estaduais. O trabalho destes ilustres brasileiros, se bem que pouco produtivo para o crescimento do Sigma, serviu, contudo, como trabalho de desbravação inicial. A idea foi de qualquer forma ventilada e debatida, e cujos frutos, já seriam melhor aproveitados, posteriormente, quando o movimento atingiu a sua segunda fase pelo dinamismo do Sr. Paulo Eleuterio, Cap. Altevir Soares, Cap. Giomar dos Santos e Atila de Sá Peixoto. Foram então, fundados os primeiros núcleos no vasto amazonense, tais como, Itaquatiára e João Pessoa.

Na sua terceira fase o movimento foi chefiado pelo Cel. Anastacio Cavalcante, Ten. França, Altevir e Atila, tendo atingido um grau bem intenso de vitalidade e galvanização. Varias bandeiras percorreram os municípios do alto e do baixo Amazonas, sendo fundados novos núcleos.

Por ultimo, a Chefia Nacional do Integralismo, entregou a direção da Província ao nosso valoroso companheiro Atila de Sá Peixoto, sendo definitivamente organizadas todas as Secretarias Provinciais, como o funcionamento regular, ativo e eficiente de todos os seus departamentos de divisões. Atingimos, então, a quarta fase. O Integralismo atravessa no Amazonas a sua fase culminante e intensíssima a pregação integralista. O movimento cresce em todos os sentidos. Propaga-se no vasto interior amazonense, nos municípios e vilas mais distantes da capital, sobressaindo-se dentre eles, os núcleos de Itapiranga, Manacapuru, João Pessoa e o Distrito de Manaós – Manaquiri – recentemente fundado, onde juraram no momento de sua fundação 253 brasileiros. ”

Figura 11: Jornal A Razão, de 23 de fevereiro de 1937, página 07





**“Royal”**  
Cerveja Brasileira  
Experimentem  
Distribuidores exclusivos  
André e Cia  
Rua Tietê Gonçalves n. 161  
Coari

**FEVEREIRO 26**  
Sociedade de Cultura Artística  
Theatro José de Alencar  
Sexta-feira  
Às 20 h22 horas

**Primeiro Concerto Celebra de 1937**  
Com a Genial Pianista Brasileira:  
**GUIOMAR NOVAES**  
que aqui chegará de avião procedente de New York

Cadeira para socios	20000
Enlubes numerados para socios	25000
Primas	150000
Camisetas	100000
Avulsas	600000
Bilhetes	20000

**Craveiro Frota**

**Fase de progresso verificamos?** pergunta...  
— Justamente, responde o novo entrevista-  
do, é mesmo esta a termo exato. O integralis-  
ta, no entanto, a palavra integralista. O mo-  
vimento cresce em todos os setores. Propaga-  
do no vasto interior amazônico, nos municípios e  
villes mais distantes da capital, abrangendo-se  
dentro dele, os estados de Iapiranga, do baixo  
Amazonas, com mais desenvolvimento especial-  
mente em Coari, Itacaré, Manaus, Jato Preto,  
e o distrito de Manaus — Manaus — e  
contínuamente fundado, cada vez mais no momento  
de sua fundação do Brasil.

**Ma, pergunto, o Governo e demais  
autoridades pensam a propaganda do Sigma  
positiva. E por que não? Que lei proibi-  
va a propaganda política das ideias, prin-  
cipalmente, em se tratando de um partido regis-  
trado no Tribunal Eleitoral, não só quanto aos  
decretos da República, mas também sobre o  
sistema e regime? —**  
— E que, dissemos, às vezes os homens se  
esquecem de lei...

**— E o movimento eleitoral e eleitoral da Pro-  
vincia, pergunto, nos referidos aos dois se-  
tores de maior importância política do inte-  
riro, nos dias que correm.**  
— Não temos, é oites a nome atestado.  
O movimento trabalhista, sob a chiefa do coronel  
Aurelio Cavalcanti, está em franco desenvol-  
vimento. Umanente, foram organizados cinco  
sindicatos e varios outros estão em organiza-  
ção. Trabalho intenso e vibrante a que se entregam  
os trabalhadores do Amazonas. Organizado, se-  
jam, os setores industriais que lhes foram fei-  
tos, há meses, por um “Cerveira Paranaíba” que  
ali esteve, e cujo nome nos caminhos através  
do interior o integralista, em sentido politico, foram  
imediatamente por não repelidos.

**O serviço eleitoral tem sido intenso, tam-  
bem. O alistamento eleitoral vem se processando  
incansavelmente, em todos os pontos da Província,  
de tal modo, que certamente, nas proximas elec-  
ções, o Amazonas terá um integralista algar-  
nizante de voto, elegendo, no minimo, um de-  
putado federal e varios no Congresso Estadual.**  
— E o integralismo no Pará? pergunto.  
— “Porém, o Sigma está ali, fundado, no  
partido de voto municipal, sobre o qual se  
desenvolveu, desde logo, um verdadeiro  
movimento. Tão logo, Tão logo, nucleos onde o in-  
tegralismo possui fortes acções politicas.

Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Como podemos constatar através do jornal *A Razão*, muito elucidador a respeito de algumas fases do núcleo da AIB no Amazonas, conforme imagem acima, os integralistas amazenses já estavam conectados com os núcleos centrais. Percebemos, também, o papel das caravanas integralistas, denominadas “bandeiras integralistas”, no sentido de difusão da doutrina do movimento. Em cada fase citada durante a entrevista constatamos nomes de pessoas ilustres no cenário local, o que requer uma pesquisa mais aprofundada sobre o papel dessas personalidades amazenses dentro da AIB e atuação dentro do núcleo nortista. Observamos que de forma conjunta, a eficácia da propaganda e a fundação de núcleos pelos interiores do Amazonas, através das “bandeiras”. Pelos números apresentados por Craveiro Frota, ficou claro sobre a recepção do movimento em terras amazenses, tal fato entrelaçasse com as primeiras edições do mesmo jornal sobre a atuação da AIB junto as autoridades locais, como o fato ocorrido na cidade de Coari, quando alguns militantes são perseguidos pelo delegado local e o governador do estado atua em prol dos camisas-verdes, tal fato será abordado mais à frente.

Figura 12: Fotos de membros da AIB, núcleo Amazonas. Revista *Anauê*, nº 8, p. 28



Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Os integralistas se utilizaram da imprensa como mecanismo para alcançar seus objetivos como já mencionado anteriormente. Consequente faremos uma abordagem histórica da imprensa integralista, a partir da amostragem de documentos consultados durante a pesquisa, ressaltando que dos muitos jornais temos, apenas, a referência do local, estado, cidade em que circularam. De tal modo, nos reduziremos aqueles a que tivemos acesso em nossa pesquisa, cito mais uma vez os jornais *Ação*, *A Razão* e *A Offensiva*. Abaixo destacamos capas e manchetes dos três periódicos de circulação nacional e regional, com ênfase das atuações dos camisas-verdes no Amazonas:

Figura 13: Jornal *A Razão*, Ano I, Nº 211, fevereiro de 1937.



Fonte: Biblioteca Nacional, 2017

Na edição de número 211 do Jornal A Razão de 1937, logo na primeira página há um destaque sobre a atuação do Governador Álvaro Maia a favor da AIB no Amazonas, quando o mesmo demitiu um delegado que perseguia os militantes integralistas na cidade de Coari, após reunião do Governador com o chefe provincial da AIB no estado. Dessa forma os integralistas conseguiam chegar às massas, utilizando o discurso de protetores da nação. Através desse periódico conseguimos constatar algumas estratégias utilizadas pelos camisas-verdes, as formas como eles conseguiam se adaptar às mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas. Os primeiros jornais foram escritos com intuito de demonstrar os ideais, a organização e estrutura do movimento. Normalmente nas primeiras páginas vinham as palavras do Chefe Nacional, Plínio Salgado, sempre falando do integralismo, sobre algum assunto de cunho nacional ou internacional. As capas traziam, também, em sua maior parte as publicações feitas do movimento integralista, como desfiles, passeatas, conferências, visitas às províncias, etc. As seções do jornal *A Offensiva* possuíam uma excelente estruturação e organização, aqui destacamos a seção do integralismo das Províncias, particularmente a parte que continha alguma matéria sobre a cidade de Manaus ou o Estado do Amazonas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, compreendemos que as exposições e ponderações formadas até aqui não se mostram suficientes para o entendimento e atuação da Ação Integralista no estado do Amazonas ou particularmente na cidade de Manaus, no entanto pensamos estar contribuindo para um campo de estudo histórico, sociológico e político sobre a temática em nosso estado. Quando nos propusemos a estudar a AIB no Norte do país, sabíamos a dificuldade de resgatar as fontes primárias, e devemos alertar que ao analisarmos qualquer movimento político do século XX devemos levar em conta qual foi a sua produção de propagandas, símbolos, imagens e rituais ao longo do seu processo de formação, da sua luta e da sua chegada ao poder, quando isso tenha ocorrido. Período esse em que os avanços tecnológicos proporcionaram uma maior capacidade de produção de imagens, jornais, panfletos e em que os avanços da comunicação trouxeram a possibilidade de uma diminuição significativa das dimensões do globo, grupos políticos de várias tendências tiveram na propaganda uma aliada central.

Os jornais integralistas e a revista *Anauê!*, foram, sem dúvida, os principais órgãos de divulgação do pensamento da AIB, tais mecanismos de divulgação da doutrina do *Sigma* materializam todas as características do movimento. Ao analisarmos o seu

conteúdo não vemos, apenas, o que a totalidade de seus correligionários pensavam, mas também o que seus principais líderes queriam propagandear sobre o movimento. Temos de levar em conta que os jornais e a revista tinham suas sedes nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, estando, muitas vezes, distante das amplas realidades que tentava representar. Embora, seus líderes sabiam que estavam em um país continental, com grandes diferenças, e faziam o possível para atingir um público amplo, com imagens das ações integralistas do Amazonas, sertão nordestino, nas Minas Gerais, nos pampas gaúchos e centro-oeste do país e até com textos de integralistas que estavam fora do centro do país.

O jornalismo integralista foi compreendido aqui como campo de litígios, onde diferentes grupos sociais buscaram alcançar seu espaço, expressar seus anseios e fazer valer suas vontades e interesses. Os nativos tiveram voz quanto as adversidades que aqui aconteciam, buscaram ser compreendidos por diversos segmentos políticos, desde que alguém ouvisse seu clamor. Tudo isso somado aos interesses econômicos e políticos das elites nacionais e locais, onde os membros da AIB tiveram ávida participação. Concluímos que a AIB foi a expressão mais organizada e que melhor alcance teve em território nacional, sem falar que é considerada a organização de massas pioneira no Brasil. Por isso o movimento precisa ser pesquisado dentro de suas particularidades, pois teve uma influência dos acontecimentos mundiais, como já destacado a ascensão do fascismo italiano e nazismo alemão, e ainda assim a organização da AIB buscou criar elementos próprios dentro de sua organização.

## REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e técnica: as técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BERTONHA, João Fábio. *A máquina simbólica do integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30*, In: História & Perspectiva (Uberlândia), Vol.7, 1992
- \_\_\_\_\_. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Eduem, 2008.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973
- CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 2007
- FAGUNDES, Paulo Ernesto. “ *Revista Vida Capichaba (1934-1937): as imagens fotográficas a serviço dos integralistas do estado do Espírito Santo*”. Em *Tempo de Histórias - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPG-HIS*, n. 15, Brasília, jul./dez. 2009.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. “*Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932 – 1938)*”. IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (ORG). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. (Coleção- O Brasil Republicano; v.2) RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920 – 1967. A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Ed. Valer, 2003.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932 – 1937)*. Porto Alegre – RS : PUCRS, 2009 (tese de doutorado em História).
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Súmula de História do Amazonas*. Manaus: editora Valer/Governo do Estado Amazonas, 2001
- REMOND, René (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SALGADO, Plínio. *Literatura e política*. São Paulo: Editorial Helios, 1927.
- \_\_\_\_\_. *A anta e o curupira*. São Paulo: Editorial Helius, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Hierarquia I*, Nr. 05, março e abril de 1932.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. Manaus: Editora Valer, 2001.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.